

Arautos da Guerra

Antônio Augusto Shaftiel

OS QUATRO ROSTOS CANSADOS, EMPOEIRADOS E DESANIMADOS CAMINHavam pelas estradas de terra batida, envoltas por árvores frondosas, pelo décimo quarto dia consecutivo. Eram feições e estados de ânimo diferentes daqueles dos dias anteriores. Agora, com os cantis vazios, os corpos sujos e suados e o peso das armaduras aumentando a cada passo, já não tinham o mesmo ímpeto do início da jornada. O dia em que partiram do sul de Petryna rumo àquela empreitada sagrada, cavalgando pelo norte, parecia distante, muito mais distante desde que haviam perdido os animais. Aqueles quatro que andavam calados e quase cabisbaixo, prontos para explodirem em resmungos e brigas inseqüentes não eram os mesmos guerreiros crentes que mal conseguiam dormir tamanha era a excitação para alcançar o objetivo.

Eram quatro guerreiros e sacerdotes de Keenn, divindade da guerra. Sua missão era viajar e encontrar a sagrada armadura negra do deus da guerra. Fora com grande felicidade que aceitaram a missão de partir para encontrar uma lenda e levá-la de volta a seus superiores. Uma pena a empolgação ter diminuído com o passar dos dias. No fim da primeira semana, eles já quase não se falavam e nenhum dos quatro ousava tocar em um assunto que lembrasse o objetivo da missão. O mal humor se apossara de seus corpos a partir do exato dia em que os cavalos foram devorados por grifos famintos. Aquele estado irritadiço se caíra sobre eles com mais atrocidade do que um dragão destrói um vilarejo.

A fé inabalável os mantinha na jornada, apesar de questionarem constantemente a sabedoria de seus superiores em os enviarem. Era natural que fossem movidos por suas crenças e não por ambições menores, já que dois deles eram sacerdotes orgulhosos de Keenn e a outra dupla era formada por guerreiros bem sucedidos nos testes de admissão da Ordem da Guerra.

O líder do grupo era um elfo. Sobrancelhas se erguiam e perguntas se formavam nas línguas mais rápidas quando essa notícia era revelada. Sim, ele era um elfo e, para completar, um sacerdote, um verdadeiro devoto de Keenn. O nome daquela figura inusitada era Enssiê,

que preferia ser chamado de Enssiê de Keenn. Admitido na ordem cinco anos antes, o elfo galgara as posições baseado nas incríveis habilidades com a espada. Sua ferocidade e fé guerreira não deixavam transparecer que um dia louvara a fragilizada deusa dos elfos, quando o reino élfico ainda existia. Mas Enssiê mudara quando percebeu a fraqueza daquela divindade no embate contra os goblinóides. Os anos que se passaram foram de pura descrença e entrega às próprias ambições, vivendo pela espada, trabalhando como mercenário.

O período de desprezo às divindades acabou quando, finalmente, a lâmina de Enssiê encontrou as armas dos sacerdotes de Keenn. Foi a resposta que ele precisava, mesmo já tendo se esquecido de fazer a pergunta. Aquele era o deus que deveria estar a seu lado quando batalhou contra os servos de Ragnar. Tais convicções o levaram a tentar os testes da Ordem da Guerra, mais precisamente no Templo da Primeira Espada de Keenn, único local de homenagem ao deus em Petrinya. Nenhum dos sacerdotes imaginou que Enssiê pudesse sobreviver aos testes, muito menos atingir uma posição elevada. No entanto, o elfo tinha o coração fortalecido e endurecido pela guerra, o que evitou qualquer medo perante os desafios.

— Ele é o elfo mais macho que eu já conheci – dissera o guerreiro Odi, um dia. Aquele humano que todos julgavam ter sangue de gigante media mais de dois metros e, quando falava daquele modo, podia-se dizer que estava fazendo um grande elogio a alguém. Dizia aquelas palavra com a voz bonita e a risada estrondosa que não deviam estar naquele corpo bruto. Quem apenas ouvisse Odi, não imaginaria um homem daquele tamanho, vestindo uma armadura de placas de metal e erguendo um enorme martelo de batalha. E, se o visse, duvidaria com todas as forças que aquele era o mais calmo do grupo. Odi não tinha uma alma belicosa. Nascera em Hershey e fora aprender a arte da guerra simplesmente para proteger a fazenda de seus pais. Enxergava Keenn como uma divindade que ensinava os métodos de proteção mais eficientes, quando tudo mais falhava. Odi Sorriso na Guerra era uma pessoa simples, de modos simples e pensamentos mais simples ainda. Suas palavras raramente continham alguma maldade, assim como as piadas que adorava contar.

Já Pindiolompinimius era completamente diferente, tanto no físico quanto no psicológico. Odi gostava de dizer que o sacerdote tinha um nome grande para um corpo pequeno. As pessoas preferiam deixar o nome proporcional ao tamanho do humano, chamando-o de Pindio. O sacerdote era um humano baixinho e gorducho que insistia em usar uma barba grande e negra para parecer mais maligno e perigoso. Tinha uma pequena cicatriz na bochecha e gostava de dizer que um sacerdote de Khalmyr a provocara. Acreditar em suas histórias era difícil, principalmente sabendo que o baixinho era natural de Petrinya. Os outros preferiam pensar que ele mesmo provocara o ferimento, intencionalmente ou não.

O maior perigo apresentado por Pindio não estava em sua maça ou nas magias concedidas por seu deus, mas sim em sua língua. Ele conseguira subir de posto na ordem apenas usando a manipulação e se tornara razoavelmente importante. Ele representava um aspecto da guerra menos evidente. Era a disputa feita durante as negociações, quando as armas eram as palavras, a pena e a tinta.

Pindio ficava ainda menor quando caminhava entre Odi e o segundo homem de armas do grupo, Erup, talvez o guerreiro mais habilidoso entre eles. E era difícil acreditar que ele pudesse ter um espírito guerreiro quando se avistava aquele rosto de anjo. Erup tinha a pele lisa e sem cicatrizes. Sua face era singela e delicada, com olhos azuis bem claros. Seus cabelos eram dourados e encaracolados. Havia quem ousasse brincar com aquele fato, dizendo que o guerreiro tinha a face de uma criança ou de um pequenino. O arrependimento e o medo os fazia engolir imediatamente as palavras, pois, assim que as frases terminavam, Erup explodia em um frenesi. Tomado por sua fúria guerreira, ele erguia a espada bastarda e partia para o ataque. Os poucos que sobreviviam nunca mais falavam nada quanto à aparência do guerreiro. Quem encarava seu rosto durante o combate dizia que ele era a própria fúria de Keenn que o possuía.

Os quatro formavam o grupo chamado de Sexta Lâmina de Keenn, pois era assim que o templo dividia seus grupos de guerreiro. Eles foram colocados juntos de propósito. Não por se completarem em suas habilidades, mas por serem os mais problemáticos do templo.

Os sacerdotes de alto posto tinham fé que eles morreriam em breve servindo Keenn. O problema era que suas preces não eram atendidas. A esperança dos sacerdotes não morria, porém a demora para que o esperado desaparecimento da Sexta Lâmina acontecesse já os incomodava. Eles suspeitavam que deveria haver alguém rezando contra aquele intento ou desagradando Keenn, pois o estranho grupo prosperava, vencendo todo desafio imposto.

Cada um dos membros do grupo tinha razão para ser tão perseguido. Enssiê se gabava constantemente de suas habilidades em combate. O elfo vencera todos os duelos desde que entrara para a Ordem da Guerra e conseguira inúmeras inimizades ao declarar tão ostensivamente suas conquistas. Os líderes do templo logo decidiram que Enssiê deveria ser eliminado para não acabar com a concentração dos guerreiros durante os treinos. Ele precisava ser mandando para longe, já que ninguém conseguira o vencer nos duelos mortais.

Ninguém sabia ao certo o motivo de Odi fazer parte da Sexta Lâmina. Segundo Pindio, as palavras simples do fazendeiro não soavam bem nos ouvidos dos líderes da ordem. Odi gostava de dizer que a guerra deveria ser usada para o essencial e que a fúria de Keenn só deveria ser invocada para proteger todas as pessoas dos males do mundo ou da própria guerra.

O próprio Pindio entendia muito bem o que ocorria nos altos escalões do templo. Esse era outro motivo de ter sido enviado naquela missão. Ninguém gostava de suas intrigas. Os comentários maldosos e as frases cheias de clichê do sacerdote não agradavam ninguém.

Erup fora mandando na missão porque já matara tantos guerreiros do templo que ninguém sabia mais de que lado ele estava lutando. Não havia mais ninguém disposto a segurá-lo durante os frenesis constantes e nem espada que o enfrentasse nesses momentos. Geralmente Odi ficava encarregado disso, mas era difícil até mesmo para ele conter o companheiro. Os sacerdotes até pensaram em retirar as armas do guerreiro e entregá-las apenas quando ele fosse partir em campanha ou treinar, porém aquela idéia era totalmente contra suas crenças. Retirar uma arma de um seguidor de Keenn era o mesmo que tentar enfiar uma espada em seu coração. Não, talvez a

analogia não seja a melhor. Morrer em guerra era perfeitamente plausível para um devoto de Keenn; ser separado de suas armas era uma humilhação pior do que a danação da alma.

Eles não gostavam de comentar o motivo de serem escolhidos para fazerem parte da Sexta Lâmina. Principalmente porque apenas Pindio entendia realmente aquelas razões. Enssiê tinha uma vaga idéia, mas recusava-se a acreditar que os seguidores de Keenn o puniriam por simples inveja. Erup não se importava; sua fé bastava e a opinião alheia era apenas mais um língua a ser calada pela espada. Odi já nem tinha idéia do que se passava. Ele se julgava em uma missão das mais sagradas e achava que, depois dessa, poderia voltar para sua fazenda e rever seus pais e seus irmãos.

— Vamos parar um pouco – Enssiê disse, pegando o cantil na cintura e bebendo um pouco de água.

O elfo considerou quase um milagre quando não houve discórdância ou resmungos. Foi o único momento naquele dia em que eles não começaram a discutir assim que alguém abriu a boca. Os quatro saíram da estrada e se sentaram em um pequeno círculo de pedras ali na beirada. Eles não reconheceram, mas aquele fora um pequeno altar em homenagem a Allihanna, deusa da natureza. Talvez fosse melhor que não houvesse percebido, pois passariam pelo menos meia hora declarando que aqueles deuses fracos eram seres vis que buscavam desviar-los do verdadeiro propósito do mudo, a guerra. Apenas Odi daria algum valor ao lugar e pediria mais respeito.

— Pegue o mapa e veja onde estamos, Erup – Enssiê ordenou, enxugando o suor na testa com um lenço.

O guerreiro retirou um mapa velho e rasgado da mochila e o abriu bruscamente, sem se importar se poderia rasgá-lo.

— Cuidado com o mapa! – o elfo gritou.

— Então fique com ele. Já estou cheio de olhá-lo. Pindio deveria ficar com essa porcaria, afinal ele nasceu nessas terras – Erup respondeu, sem esconder seu descontentamento.

Pindio olhou para o guerreiro e tomou o mapa de suas mãos como se fosse o legítimo dono. O sacerdote observou atentamente os desenhos no papel e fez alguns cálculos mentais.

— Estamos a três dias de viagem de lugar nenhum – disse, rindo da própria piada.

— Isso significa que estamos perdidos? – Odi perguntou, ingenuamente.

— Não. Significa que Pindio tem tanta fé quanto estatura! – o elfo respondeu, fixando seu olhar no minúsculo sacerdote.

Pindio se levantou imediatamente. Não que fizesse muita diferença, mas ele se sentia menos humilhado assim. Era quase do tamanho de Odi quando este estava sentado. O sacerdote olhou para o elfo e apontou o dedo.

— Realmente, cruzado. Comparado a você eu tenho pouca fé. Afinal, não tive forças para parar uma taverna inteira e exigir comida e dormitório de graça por estarmos em uma missão sagrada em nome de Keenn – falou o pequeno sacerdote com tanta ironia que feriu as orelhas pontudas do elfo.

— O quê?! Como ousa dizer isso? Nós estamos em uma missão sagrada. Precisamos achar a armadura negra e mostrar nosso poder para os altos sacerdotes e para Keenn – Enssiê retrucou, levantando-se e apontando o dedo de volta para o companheiro.

— Realmente, esse plano foi tão bom quanto deixar nosso amigo gordo cuidar de nossos cavalos. Quem diria que Odi dormiria após beber quase um barril inteiro de cerveja que levamos após quase matar o dono daquela taverna.

— Pela espada de Keenn! Parem com essa briga! – Erup disse, encostando a cabeça na pedra e fechando os olhos. O guerreiro estava cansado e queria apenas dormir.

— Você deveria estar dormindo quando aquela luta começou. Se não fosse tão nervosinho, não teria cedido às provocações e matado duas pessoas! – rebateu Pindio, com a língua mais veloz do que o bom senso.

Instintivamente, Erup levou a mão à espada e se pôs de pé com tanta rapidez que Pindio nem teve tempo de se assustar. Quando o sacerdote percebeu, a lâmina já apontava para seu pescoço. Enssiê se assustou e sacou sua espada longa, apontando-a para o pescoço de Erup.

— Eu também não gosto dele, mas não podemos matá-lo – o elfo disse, tentando falar com toda firmeza possível e temendo que o amigo fosse tomado pela fúria.

Odi continuou sentado, coçando a barba e perguntando-se pela décima vez, mas não pela última, por que aquele grupo continuava unido ou não se matara ainda. Ah, ele quase se esquecera. Continuavam juntos por causa da fé, porém era difícil entender o fato de não se assassina-rem pelo mesmo motivo. Olhou para o martelo de batalha e soltou um bocejo. Irritou-se subitamente quando lembrou-se que estava com sono e que a discussão impedia o descanso merecido. Levantou-se com a arma na mão jurando afundá-la na cabeça de todos se não o deixas-sem dormir.

— Eu quero dormir. – Odi disse, demonstrando seu mal humor claramente pela primeira vez naquele dia.

Os três olharam para aquele homem imenso, vestindo aquela armadura pesada e portan-do um martelo maior do que Pindio. Um pouco de bom senso apareceu nas mentes belicosas naquele instante. Apenas Erup não ficou realmente intimidado. Sua fúria insensata o faria enfrentar um dragão vermelho ancião sozinho com as mãos nuas.

—Tudo bem. Precisamos descansar para continuarmos essa missão sagrada. Que Keenn permita que batalhem em seus sonhos – Enssiê disse, erguendo sua espada. Apenas Erup respondeu o cumprimento. Odi dormira no exato momento em que se sentara novamente. Pindio estava muito mal humorado para responder ao elfo e odiava o fato de Enssiê falar o nome de Keenn a todo momento.

Aquela fé, ou a vontade de demonstrar sua fé o tempo inteiro, cegava o elfo. Pindio tinha certeza disso. Ele ainda não percebera que os altos sacerdotes do templo haviam os enviado para uma missão que nunca teria fim, a não ser que morressem. A armadura negra de Keenn era uma das muitas lendas de Petrinya e acreditar em todas era uma tremenda

estupidez. Com certeza, se continuassem viajando, acabariam encontrando um inimigo que os derrotasse ou morreriam de fome. Desde o incidente na taverna, eles haviam perdido todo seu dinheiro e já quase não tinham mantimentos. E, para piorar, ainda tinham que viajar sem cavalos.



O grupo cometera um erro básico. Não deixaram ninguém de vigia enquanto dormiam, ainda que descansassem durante o dia. Foi Enssiê quem acordou primeiro e viu a caravana se aproximando. O elfo se levantou depressa e seus olhos azuis escuros observaram atentamente o horizonte. Eram três carroças e três cavaleiros que se aproximavam vagarosamente. Havia pelo menos três pessoas em cada uma. Não podia definir se estavam armados ou se portavam algum símbolo.

— Acordem – o elfo sussurrou. Obviamente, ninguém acordou, tamanho era o cansaço do grupo. – Acordem!

Odi acordou primeiro, levando a mão à arma por impulso e pondo-se de pé com um salto praticado por anos durante seus turnos de vigília. Tinha um olhar assustado como se acabasse de acordar de um pesadelo. Pindio acordou com um verdadeiro susto e quase desmaiou ao ver Odi à sua frente. Os movimentos de Erup contrastaram com os dos colegas. Levantou-se com calma, pegou a espada lentamente, olhou para Enssiê sem manifestação de surpresa e esperou uma explicação com um toque de apatia.

— Uma caravana vem vindo. Acho que conseguiremos alguma ajuda se conversarmos.

— Conversar? Melhor matar, pilhar e destruir... – Erup sugeriu, ainda esfregando os olhos para acordar.

Enssiê se surpreendeu com a frieza do guerreiro. Não esperava tal sugestão. Pelo menos não naquele momento.

— Idiotice. Vamos conversar e pedir alguma ajuda – Pindio retrucou, implicado.

— Acha que eles vão ajudar um bando de seguidores de Keenn? – Erup perguntou, cheio de malícia nos olhos. Era um dos poucos momentos, fora os momentos de fúria, em que a beleza infantil e pura daquele rosto era maculada.

— Vão. Terão que ajudar um grupo de sacerdotes em uma missão sagrada – Enssiê declamou, erguendo sua espada. Seus olhos brilhavam, cheios de fé.

Pindio levou as mãos ao rosto, perguntando-se o que fizera de tão ruim em sua vida para ser obrigado a ficar do lado daquele elfo fanático. Não conseguia crer no que estava acontecendo. Coçou os olhos pedindo a Keenn que aquilo fosse só um sonho. Enssiê não podia estar andando na direção da caravana.

Mas estava. O elfo colocara sua espada na bainha e começara a caminhar na direção da caravana com o peitoral de aço brilhante e exibido, parecendo estufado pela fé e pelo orgulho

do elfo. Odi logo o seguiu, rindo muito do que estava acontecendo. Erup balançou os ombros, gargalhou, guardou a espada e começou a seguir seu líder.

Pindio teve raiva do elfo. Teve vontade de retirar uma de suas adagas e enfiar em suas costas naquele momento. Eles precisavam de um plano, não sair por aí exigindo oferendas de qualquer viajante.



Dumpio era um comerciante experiente, porém não se podia dizer que era velho. Viajava há muitos anos e, naquele momento, calculava que estava há duas semanas na estrada, desde que tomara o rumo de Malpetrim. Desejava chegar depressa à cidade para poder vender todas as suas mercadorias. Ele tinha de tudo, desde de armas compradas em Zakharov a doces de Hershey. Depois daquela viagem, ele não precisaria de mais nada. Mudaria permanentemente para Malpetrim e viveria ali com sua família. Então começaria a receber as encomendas de seus vários contatos que adquirira com tanto custo durante as várias viagens pelo Reinado. E como fora difícil sobreviver desde que Vectora começara a funcionar!

A intuição de mercador foi a primeira a alertá-lo e fazer seu coração se apertar quando viu quatro figuras na estrada, aproximando-se ousadamente da caravana. Trajavam armaduras negras que já não brilhavam ao sol da tarde porque estavam empoeiradas pelo tempo de viagem. Tinham capas vermelhas que assumiam um aspecto velho e desgastado pelo mesmo motivo. A primeira reação de Dumpio foi pensar em lhes vender capas novas e oferecer um de seus contratados para limpar as armaduras antes que começasse a fazer cálculos para vender-lhes as armas de Zakharov. Então, lembrando-se das armas, o coração apertado e a intuição de mercador o despertaram para o perigo.

Quando eles chegaram mais perto, o coração do mercador quase parou. Tinham o símbolo de Keenn marcado no peito e, com certeza, nas capas. Dumpio deu sinal para os mercenários se prepararem. Eles sempre estavam prontos para batalha. Por um momento, ele se amaldiçoou por ter economizado dinheiro e contratado apenas cinco. Pelo menos dois deles eram cavaleiros de Khalmyr e estavam viajando de graça, acompanhando a caravana em troca de comida e um lugar para dormir assim que chegassem em Malpetrim.

Os seguidores de Keenn finalmente alcançaram uma distância em que era possível avaliar o real perigo que ofereciam. O primeiro era um elfo de cabelos e olhos azuis bem escuros. Tinha uma espada longa na cintura e vestia uma armadura leve. Com certeza fora feita por mãos élficas apesar de exibir impetuosamente o símbolo de Keenn no peito. Ao lado caminhava um homem gigantesco. Era um gordo de sorriso cativante que segurava um martelo. Escondendo-se atrás dele vinha o menor membro do grupo. Era um baixinho de barba e cabelos negros. O último deles era o mais jovem e com certeza o mais inofensivo. Pelo menos assim o mercador pensava. Ele até lembrava uma criança ou um adolescente. Com certeza ainda nem fora iniciado na arte da guerra.

— Fiquem preparados. Não duvido que eles queiram nos roubar – Dumpio avisou disfarçadamente.

Os cavaleiros de Khalmyr se puseram de prontidão. Suas espadas e escudos já estavam preparados para proteger a caravana de qualquer problema. Quando viram aqueles servos de Keenn, ficaram ansiosos por uma luta. Nenhum deles gostava dos seguidores do deus da guerra.

Enssiê parou a quatro metros da caravana, quando um dos cavaleiros de Khalmyr exigiu que se apresentasse. O elfo deu um passo a frente e fez uma cortesia.

— Sou Enssiê Lonuah Ersimmpi, também conhecido como Enssiê de Keenn. Esses são meus companheiros Odi Sorriso na Guerra, Erup Fúria de Keenn e Pindiolompinimius de Malpetrim.

— Nomes originais, não acha? – um dos cavaleiros de Khalmyr zombou, rindo para o companheiro.

— Todos nomes de servos fiéis do Senhor da Guerra – Enssiê respondeu rapidamente.

Os cavaleiros trocaram olhares ofendidos e irritados. A ironia era tão pesada quanto uma espada nas palavras do elfo. Cortava tão bem que, aos olhos dos cavaleiros, pareceu uma reação inesperada e inteligente demais para um servo de Keenn.

— Gostaríamos de pedir alguma ajuda, meus amigos viajantes. Estamos em uma missão sagrada em nome de nosso deus, portanto esperamos que nos concedam alguns alimentos, ou até mesmo um de seus cavalos.

Dumpio quase caiu da carroça quando ouviu aquele absurdo. Os cavaleiros de Khalmyr começaram a rir sem parar, esforçando-se para manter certa compostura. Eles não podiam acreditar nas palavras daquele elfo. Ele deveria ser um louco completo.

— Nós não estamos brincando. Não vai ajudar um grupo de guerreiros e sacerdotes em sua missão sagrada? – Enssiê perguntou, fitando os cavaleiros severamente e aturdido com a petulância daqueles homens. Como alguém poderia recusar ajuda a guerreiros sagrados em uma cruzada?

A risada dos cavaleiros começaram a desaparecer quando o olhar furioso de Enssiê ficou evidente. Olharam para Dumpio, esperando uma resposta. O mercador arrumou-se no banco da carroça e coçou a cabeça, pensando no que falar.

— Posso lhes dar alguns pães de viagem, mas nada além disso.

— Vai negar ajuda?

— Por Khalmyr! O que você quer, elfo? Por acaso é um louco? – um dos cavaleiros perguntou, perdendo a paciência.

O nome de Khalmyr tocou os ouvidos de Erup como uma provocação que enrubescou o rosto infantil. O ódio ao deus da justiça e a todos os seus seguidores era parte inerente da alma do guerreiro. Ele mantivera-se calado até o momento por pura distração, já que não percebera os símbolos de Khalmyr nas armaduras dos cavaleiros. Grandes problemas teriam sido evitados se o nome da divindade não fosse pronunciado.

Há muitos anos, o pai de Erup fora julgado e condenado à morte pelos sacerdotes de Khalmyr. Ele também era um guerreiro de Keen e tinha uma sede de sangue tão grande que todos temiam a simples menção de seu nome. Durante muito tempo, seu bando aterrorizou Deheon até ser pego e julgado. Erup nunca perdoou os sacerdotes de Khalmyr por matarem seu pai. Mas também, o perdão não era uma parte palpável de sua consciência. Ele conhecia respeito, fúria e força.

— Loucos são os idiotas que se iludem com as mentiras de Khalmyr! – o guerreiro gritou.

A primeira e mais sensata reação de Pindio foi começar a orar. Não que fosse uma reza simples. Ele invocou o poder de Keenn para proteger o grupo e abençoar as espadas para a luta iminente. Uma magia subsequente enviou um sinal de batalha para Enssiê e Odi. Era uma mensagem especial que avisava para prepararem suas armas e ainda carregava um efeito interessante, o de aumentar a rapidez com que sacariam as armas.

— Prefiro pensar que loucos são os idiotas que matam em nome de Keenn, um deus covarde que não tem coragem de descer até aqui para lutar diretamente – um dos cavaleiros respondeu, acostumado demais com suas vitórias e com a típica ovação que a cultura popular tinha por sua ordem de cavalaria.

Enssiê ouviu o grito de guerra de Keenn ao mesmo tempo em que o zunido da espada saltando da bainha e cortando o ar passava ao lado de suas orelhas pontudas. Erup correu na direção do cavaleiro inimigo com o rosto transformado pela ira. O cavaleiro duvidou das próprias palavras por alguns segundos, quase enxergando o próprio deus da guerra na figura do mortal.

— Keenn, Senhor da Guerra! Dá a seu grupo proteção. Impeça-os de usar arcos e flechas para nos ferir. – Enssiê pediu, invocando outra magia com o poder da fé. Apenas após acabar as invocações ele sacou a espada para procurar pela luta.

As flechas de dois mercenários zuniram sobre os ombros de Erup e foram se fincar quase aos pés de Pindio. Os homens perceberam que seus arcos não seriam úteis, pois as setas haviam praticamente feito uma curva para se desviarem do alvo. Havia magia que precisaria ser transposta pela espada. Eles saltaram da carroça e correram para a batalha, enquanto pediram para Dumpio se esconder de alguma maneira.

Erup não percebeu que alguém tentara flechá-lo. Tudo o que viu foi o cavaleiro avançando em sua direção e sua mente racionou apenas com a intenção de vencer o inimigo. A espada movimentou-se para cortar a perna do cavalo, causando uma queda instantânea acompanhada por um relinchar de dor. Erup não parou para pensar. Girou o corpo para posicionar a espada no pescoço do cavaleiro que começava a se levantar. Um inimigo a menos.

O segundo cavaleiro de Khalmyr sacou a espada e atçou o cavalo em uma carga contra Enssiê. Sentiu-se vitorioso quando o elfo continuou estático, esperando a aproximação. Imaginou a espada atravessando o corpo do maldito seguidor de Keenn. O sorriso que se formava desapareceu quando um impacto súbito rachou seu peito, afundando as placas de armadura na carne e partindo os ossos. Ele nem percebera quando o braço de Odi se esticava para acertar o martelo nele.

Agora faltava apenas um cavaleiro. Esse era um simples mercenário. Foi muito fácil vencê-lo. Enssiê simplesmente desviou-se de seu primeiro ataque e deixou o cavalo passar. Antes que o inimigo pudesse se virar, o elfo retirou uma adaga da bota e arremessou em suas costas. Ele caiu do cavalo ainda vivo, mas sem forças para lutar. Levantou-se confuso para tentar reagir, talvez usar uma poção de cura. Começava a clarear o raciocínio quando a maça de Pindio acertou o elfo e afundou em sua cabeça.

Os dois mercenários que restavam pensaram em fugir. Era uma resposta que se mostrou inútil ao pensarem em como seriam perseguidos e caçados por aqueles seguidores de Keenn. A única opção era ficar e lutar, agora rezando por Khalmyr, pois era o primeiro deus que aparecia em suas mentes. Talvez ele resolvesse vingar seus cavaleiros mortos.

Erup aparou o primeiro ataque e se esquivou do segundo com a velocidade ampliada pelo frenesi de batalha. Seu contra-ataque atingiu a barriga de um dos mercenários, partindo o corselete de couro e afundando entre os órgãos. A espada saiu cheia de sangue, pronta para aparar o golpe do outro oponente. Não foi preciso mais um minuto para que o último mercenário tombasse. Então restaram apenas Dumpio e seus ajudantes. Os guerreiros nem haviam notado os servos, que haviam se escondido rapidamente na carroça. Nenhum deles estava disposto a levantar uma arma para lutar com aqueles guerreiros. E a batalha fora tão rápida que eles ainda nem haviam terminado suas preces.

Enssiê se aproximou de Dumpio lamentando por não ter usado sua espada. Ele amaldiçoou os cavaleiros de Khalmyr por morrerem tão rapidamente. E ainda perderam um cavalo durante o ataque!

— Vai nos dar o que queremos ou não? – o elfo perguntou com um tom de voz irritado.

— Tudo bem. Leve os cavalos dos mercenários. Eu lhes concederei alguns mantimentos. Basta que nos deixem vivos – Dumpio pediu, tremendo, porém incapaz de evitar o raciocínio de mercador.

— Queremos quatro cavalos. Passe tudo o que têm na última carroça para as outras duas. Nós vamos levar um dos seus animais – o elfo ordenou.

Dumpio não contestou nenhuma das ordens dos seguidores de Keenn. Parou de rezar para Khalmyr assim que viu Erup banhado de sangue, com os olhos ainda cheios de raiva. O mercador teve medo que de algum modo o guerreiro pudesse ouvir suas preces silenciosas e se irritar novamente.



As comemorações começaram tão logo a carroça de Dumpio desapareceu na estrada. Era como estar diante dos espólios de guerra, algo quase impensável no Reinado. Começavam a falar que o ataque fora muito bem planejado, quase perfeito. Bastava um pouco mais de bebida para dizerem que tudo fora planejado com antecedência e que sentiam o chamado de Keenn

para as armas. Até Pindio estava feliz, reclamando pouco. Normalmente, ele era o que mais xingava os ataques de fúria de Erup.

O grupo se sentiu feliz pela primeira vez naquela semana. Comemoraram unidos, aproveitando a bebida confiscada; eles não diriam roubada. Riram bastante e comeram fartamente enquanto ouviam Odi cantar e contar suas magníficas histórias. Aproveitaram o bom humor para reiniciar a viagem. Celaram os cavalos depressa e partiram em busca da armadura negra de Keenn. Cavalgaram por uma semana sem enfrentar problemas mesmo entre eles. Alguns gnolls tentaram assaltá-los, mas foi com satisfação que os guerreiros sacaram as armas para a luta. Repetiram os mesmos gestos e risadas quando deram, dois dias depois, o mesmo destino a um grupo de orcs.

Oito dias depois do encontro com Dumpio, eles chegaram ao local onde deveria estar a armadura negra de Keenn. A mata era tão densa que, em certos pontos, foram obrigados a desmontarem e puxar os cavalos. Estranhamente, não havia nenhum animal de grande porte ou mesmo monstros na região.

Pindio logo começou a suspeitar que a lenda da armadura negra de Keenn era verdadeira; uma raridade nos inúmeros boatos que corriam em Petrinya. Segundo as histórias, há muito tempo os sacerdotes de Keenn haviam chegado a Petrinya e decidiram fundar um templo. Levaram seu grande símbolo de poder, a armadura negra, para demonstrar que estavam ali para dominar todo o reino. No entanto, algo aconteceu. O primeiro templo fundado foi destruído e a armadura desapareceu. Muitos diziam que um dragão havia atacado o castelo que seria a sede da Ordem da Guerra. Nenhum dos sacerdotes de Keenn sobrevivera.

A caminhada dos cruzados continuou por mais duas horas. Estavam tão ansiosos e tensos que esqueceram de montar. Foi só devido às ordens de Enssiê que pararam para comer. Arrumaram o acampamento improvisado rapidamente e retornaram ao caminho.

O grupo inteiro se surpreendeu quando viu as ruínas do castelo. Ali deveria ter sido erguido o primeiro e maior templo de Keenn em Petrinya. Agora não restava quase nada. As muralhas haviam ruído e apenas uma torre estava em bom estado. Toda a glória e poder daquele templo de guerra desaparecera, levada pelo tempo. Apenas um símbolo do poder de Keenn permanecera. Lá no centro do castelo estava o esqueleto de um enorme dragão. Os restos normais da fera estavam na posição de um último e desesperado ataque. Suas garras seguravam um esqueleto que ainda se mantinham de pé. E o que mais impressionava era que o que restara daquele guerreiro vestia uma armadura negra e tinha as mãos levantadas enfiando uma espada rubra em um dos olhos do dragão. Com certeza aquela fora a batalha final no templo, agora parada no tempo por um milagre de Keenn. Podia até ser fruto de alguma magia residual, mas A Sexta Lâmina não enxergava nada além do milagre.

Nenhum dos guerreiros falou nada enquanto observava a cena. Eles sabiam que Keenn havia paralisado os ossos daquela maneira para demonstrar a última batalha daquele valoroso guerreiro. E o grupo mal acreditava que finalmente havia cumprido sua missão. Eles encontraram a armadura negra.

— Vamos logo pegá-la! – falou Pindio, ansioso para se aproximar de um dos maiores símbolos de seu deus. Ele precisava tocar a armadura para ter certeza de que era verdadeira. Pensou nos rostos dos altos sacerdotes quando descobrissem que a Sexta Lâmina estava voltando com a armadura negra de Keenn.

— Não – Enssiê disse, apontando para uma sombra perto da última torre.

Todos olharam e esperaram ansiosamente para que quem quer que estivesse ali se mostrasse. Não demorou muito para que um gigante saísse de dentro da torre. Seus quase quatro metros de altura teriam gerado pontadas de medo e hesitação em pessoas menos obstinadas ou menos movidas pela fé desesperada daqueles devotos. Uma barba ruiva enorme cobria o rosto, passando a impressão de fúria e perigo. Seus cabelos eram longos e vermelhos como fogo, ameaçando possíveis inimigos, o que apenas atiçava os keennitas. Vestia uma armadura que deveria ser feita com mais metal do que a de todos os membros da Sexta Lâmina de Keenn. Na cintura, tinha um enorme machado de guerra.

— A armadura tem um guardião. Precisamos derrotá-lo e mostrar nosso poder a Keenn. – Enssiê concluiu exasperado e atraindo olhares surpresos dos outros.

— Precisamos de um plano – Odi disse, pensando se seu martelo teria algum efeito naquele gigante. Era a primeira vez que via alguém maior que ele.

— Eu já tenho um. – Enssiê contou, observando todo o ambiente. – Vamos apenas esperar que ele entre novamente. Ele pode ser mais forte, mas nós temos Keenn do nosso lado. Ser um guerreiro é também usar a astúcia. Para vencer uma guerra é necessário estratégia e força.

— Qual é o plano? – Pindio perguntou, pensando se eles sobreviveriam. Olhou para a armadura negra imaginando se haviam viajado tanto apenas para morrer ali.

— Assim que ele entrar, Odi vai subir naquelas pedras ao lado da porta da torre. Os outros se colocarão do lado. Um de nós servirá de isca e o atrairá para fora. Assim que o gigante sair, Odi o acerta na cabeça ou no peito e eu e Erup atingiremos seus joelhos. Ele cairá e nós o mataremos. Isso se ele não morrer com a martelada de Odi.

Pindio já estava para começar a reclamar e a perguntar por que ele fora escolhido para ser a isca, porém foi interrompido pelas preces dos companheiros. Enssiê começou a abençoar as armas e pediu ao deus para aumentar sua força. Pindio viu-se obrigado a concordar com o plano que, tragicamente, envolvia, de algum modo, seu suicídio. Apesar das sérias dúvidas quanto a seu destino, ele não fugiria da batalha. Morreria para concluir aquela missão sagrada. Só esperava que sua fé fosse suficiente para deter o machado de um gigante.



Pindio estava nervoso. Quase deixara a maçã cair duas vezes enquanto tentava pensar no quealaria. Ele já estava na frente da torre e a voz não saía de sua garganta. O que gritaria para

atrair aquele gigante? Olhou para Enssiê escondido nos flancos. O elfo estava ansioso, já com sua espada pronta para o ataque.

O sacerdote respirou profundamente e segurou a maça, fazendo mais uma prece a Keenn. Era a hora de iniciar o plano. E ninguém poderia falhar.

— Ser imundo, saia de seu esconderijo e venha me enfrentar — o sacerdote gritou, rezando para que o gigante fosse surdo.

Nada aconteceu. Ninguém saiu de dentro da torre. Enssiê fez sinal para que o companheiro gritasse novamente. Mais uma vez, Pindio respirou profundamente e começou a gritar. O silêncio e a sensação de falha se repetiram. Só quando ia começar o terceiro gritou que ele viu o que estava acontecendo.

O gigante ouvira as provocações, só que não saía pela porta da frente. Havia outra maldita porta na torre! O monstro já estava se aproximando de Odi pelas costas e o guerreiro não percebera. Quanta idiotice! Eles não haviam percebido um maldito gigante se aproximando! Pindio fez mais uma prece, invocando sua magia para dar um aviso de guerra ao colega. Ele ainda pediu a Keenn que tornasse o martelo de batalha tão rápido quanto uma adaga.

Odi ouviu o aviso em sua mente e virou-se imediatamente. Ergueu o martelo, acompanhando o movimento giratório do corpo e somando a força do impulso. Nem bem começou a enxergar o inimigo com o canto dos olhos, já fez e mira e completou o ataque quando ainda estava apenas com meia volta no corpo. A criatura se assustou com o golpe. Não esperava que o guerreiro o percebesse. Quando sentiu o martelo batendo em seu peito, soube que teria morrido se não usasse armadura. Aquele humano era incrivelmente forte. O gigante foi obrigado a dar dois passos para trás para retomar o equilíbrio desfeito pela força do golpe..

Enssiê também ouvira o aviso de Pindio. Assumindo a liderança e emitindo ordens, ele correu e aumentou a velocidade para conseguir impulso. Passou por Odi com a armadura tilintando e subiu nas pedras, usando-as para saltar na direção do inimigo. O nome de Keenn ecoou pelas ruínas enquanto o elfo caía com a lâmina sobre o inimigo. Sua espada penetrou entre o peito e o pescoço do gigante, o único lugar que não era protegido pela armadura.

A criatura ria daquele minúsculo elfo o atacando, se não estivesse tão assustada com a ferocidade daqueles seguidores de Keenn. Sentia o sangue quente vazando pelo ferimento e se espalhando entre a pele e a armadura. A barba e as ombreiras do gigante também se sujaram, assim como o rosto do elfo. Esforçando-se para manter o controle, o gigante socou o elfo e o derrubou. Retirou a espada e jogou longe, assustando-se com a quantidade de sangue que saía do ferimento. Ergueu o machado e preparou para acertar Enssiê.

O elfo estava quase inconsciente. A pancada fora muito forte e uma costela se partira durante a queda. Ele viu o machado no ar, mas não tinha forças para a esquiva. Também não havia tempo para invocar uma magia.

Não fosse por Erup, Enssiê teria morrido. O guerreiro já estava tomado pela fúria quando sua espada enfiou-se na coxa do gigante. O aço penetrou até bater no osso, quando provocou

um estalar estranho, como se estivesse para quebrar ou furar a estrutura calcificada. O monstro gritou de dor e, antes que pudesse contra-atacar, sentiu a lâmina enfiando-se em seu joelho. Então ele ergueu o machado mais uma vez e atacou. O golpe acertou como o esperado, mas não com a força que deveria ter. A armadura de Erup partiu-se na ombreira e o guerreiro foi jogado contra as pedras, na direção oposta de Enssiê.

O gigante se abaixou para tentar estancar o sangue que escorria por sua perna, mas parou quando viu a barba se avermelhando ainda mais. Odi entrou em ação mais uma vez. Ele acertou seu martelo no queixo do monstro, fazendo uma curva de baixo para cima. O maxilar foi quebrado e os dentes partidos saíram acompanhados por sangue. O keennita ergueu a arma e atingiu a cabeça mais uma vez, dessa vez mirando na orelha direita. O gigante cambaleou. Não conseguia enxergar mais nada. O sangue escorria por todo o rosto. Sua cabeça estava deformada e quebrada.

Odi nem se mexeu quando viu o monstro erguer o machado. Ele sabia que não sofreria ataque algum. O gigante não conseguiu golpear mais nenhuma vez. Ele simplesmente caiu, perguntando-se por que fora atacado tão brutalmente. Ele não entendia por que aqueles aventureiros gostavam tanto de matar. Um mês antes, ele havia sido expulso de sua antiga moradia por um grupo de cavaleiros de Khalmyr. Na semana seguinte, um grupo de aventureiros invadiu sua caverna procurando por riquezas e desafios. O gigante morreu perguntando aos deuses por que ele era chamado de monstro.



— Nós conseguimos! – Pindio gritou, ajudando Erup a se levantar.

— É óbvio, pois Keenn está do nosso lado. Agora vamos levar a armadura – Enssiê disse, tentando se pôr de pé. Odi logo apareceu para ajudar o elfo.

— Você foi muito bravo, elfo. Realmente é o elfo mais macho que eu conheço – o guerreiro elogiou. E ele fora sincero. A maioria dos elfos que conhecera não seria capaz de tais atos e eles sempre lhe pareceram um tanto efeminados. Enssiê era diferente. Ele era um guerreiro de verdade.

— Tudo por Keenn – o elfo respondeu. – Vamos até a armadura.

Os quatro pararam no meio das ruínas e observaram a magnífica armadura negra. Era incrível e perfeita, não decepcionando em nada a fé ardente deles. Tinha apenas alguns arranhões, demonstrando que já participara de várias batalhas e realmente protegera o guerreiro que a vestia.

A espada rubra também era incrível. O fio continuava perfeito mesmo depois de tanto tempo. Era uma arma digna de um deus. O grupo se perguntou por que Mestre Arsenal ainda não havia adquirido os artefatos.

— Vamos descansar aqui hoje e partiremos depois, assim que eu e Erup estivermos em condições de cavalgar. – Enssiê ordenou. – Odi, vá pegar os cavalos. Pindio, comece a utilizar as poções de cura que confiscamos. Precisaremos muito delas.

Ninguém notou, mas Erup não parava de olhar para a armadura. Parecia seduzido pelo artefato. Seus olhos brilhavam o tempo todo, como se estivesse ansioso por experimentar o objeto sagrado. Nenhum membro do grupo se importou com a obsessão do guerreiro. Estavam muito felizes para se incomodarem.

Eles comeram um pouco e depois se prepararam para descansar. Erup insistiu em ficar de guarda primeiro, afirmando que não conseguiria dormir, já que seus ferimentos ainda doíam. Como todos estavam cansados e a euforia já havia passado, não se importaram. Assim que viu que ninguém estava acordado, o guerreiro levantou-se. Não foi fácil colocar-se de pé, o golpe do gigante realmente o machucara e as poções não o curaram totalmente. Mas nada disso impediu o guerreiro de se aproximar da armadura que atraía sua fé como um ímã. Ele passou os dedos pelo metal negro e viu seus olhos refletidos. Não conseguia desviar o olhar. Precisava vestir aquela armadura.



Ensiê acordou surpreso, sabendo que algo estava errado. O elfo se pôs de pé e pegou sua espada, procurando pelo perigo. Então ele notou que Erup não estava em sua posição. Procurou pelo guerreiro e só o achou próximo do esqueleto do dragão. Ele estava com a armadura negra!

Erup acabara de vestir a armadura negra e segurava a Lâmina Rubra como se fosse o próprio Keenn. O elfo se aproximou do companheiro receoso. Não sabia se seria atacado. Quando estava perto, notou que Erup se transformara. Não tinha mais cabelos loiros. Estes estavam negros como a armadura. E os olhos estavam vermelhos como sangue. Agora não parecia mais um anjo. E se alguém fizesse essa descrição, diria que ele era um anjo da guerra.

— Erup, o que você fez? — O elfo perguntou, temendo que seu amigo houvesse cometido uma blasfêmia. Mas seu maior temor não era esse. Havia algo a mais...

— Nada demais, meu amigo. Keenn me aceitou. Ele permitiu que eu vestisse sua armadura. — O guerreiro respondeu.

Nesse momento, Pindio e Odi já estavam acordados e igualmente impressionados com a cena. Eles reconheceram o poder de Keenn na armadura. Imediatamente os dois se ajoelharam perante o companheiro. Ele não era apenas Erup, mas o Grande Guerreiro Erup. Era o que Ensiê temia. Sua fé o avisava. Ela ardia em seu coração e o mandava se ajoelhar diante daquele milagre.

— Não precisam se ajoelhar. Somos companheiros agora. E continuaremos a missão desses sacerdotes. Começaremos a fundar o segundo templo de Keenn em Petrinya. Nós nos ergueremos lentamente, mas temos força para isso. Cada um de nós tem seus ideais, mas somos cheios de fé. Sei que conseguiremos.

Eles acreditaram em Erup. Ele trazia a promessa de uma nova Ordem da Guerra em Petrinya. Seria pouco provável que essa ordem se espalhasse pelo mundo, já que se tornaria

apenas mais uma das mentiras do reino. No entanto, eles se ergueriam e atrairiam devotos. Chamariam guerreiros de todo o reino para ajudar na construção do templo e mostrariam o poder de Keenn a partir de uma das maiores fortalezas de Petrinya.

Assim a Sexta Lâmina de Keenn mudaria de nome. Agora eles seriam os Primeiros Arautos da Guerra e partiram para a batalha sempre que seu deus desejasse. Eles podiam não ser os melhores guerreiros de Keenn, ou os mais poderosos, mas sua fé e a armadura negra os levaria à vitória.

Nenhum deles sobrevivera durante tanto tempo na Ordem da Guerra à toa.

TORMENTA

Memórias de Arton

Créditos

Revisão: Guilherme Dei Svaldi e J.M. Trevisan

Diagramação: Guilherme Dei Svaldi

Este conto pertence à coletânea *Memórias de Arton*, uma série de arquivos que trazem histórias clássicas do cenário de TORMENTA, e que são disponibilizados gratuitamente no site da Jambô. Para encontrar a lista completa dos arquivos disponíveis, visite a seção de downloads do site: www.jamboeditora.com.br/comunidade/downloads.php.

Se você é um fã antigo do cenário, esta é sua chance de rever seus personagens favoritos; se você é um leitor novo, agora pode conhecer as histórias que hoje fazem parte da mitologia de TORMENTA. Aproveite!

TORMENTA é uma criação de Marcelo Cassaro, Rogério Saladino e J.M. Trevisan. Todos os direitos reservados.



Para mais produtos, artigos e informações sobre TORMENTA, visite www.jamboeditora.com.br